

"I KNOW WE CAN FIX IT AND WE'RE NOT TOO LATE
I GIVE RESPECT TO KING AND HIS NON-VIOLENT WAYS.

I DREAM AND I HOPE AND I WON'T FORGET

SOMEDAY I'M GONNA VISIT ON A FREE TIBET

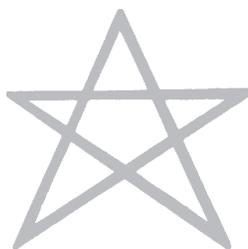
SOMEDAY I'M GONNA SEE US ALL JOINED AS ONE

AND IT'D BE TOO BAD TO BLOW IT UP BEFORE WE'RE DONE

CAUSE WE LONG BEHIND THE RAGE, LEARNING FROM THE PAIN

THE LOVE BEHIND THE TENSION, LIKE THE SUN BEHIND THE RAIN"

(BEASTIE BOYS).



ANA CRISTINA LOPES

HISTÓRIAS DA DIÁSPORA TIBETANA



ANA CRISTINA LOPES é formada em História pela Universidade de Paris VII e Jornalismo pela ECA-USP. É aluna especial na Universidade de Colúmbia, realizando pesquisa para dissertação de mestrado nos Estados Unidos

Adolescentes disputavam cada frestinha que permitisse ver o trabalho minucioso dos monges. Indiferentes aos olhares curiosos, os dois tibetanos prosseguiram na construção do mandala de areia, separados por apenas uma corda da pequena multidão. Em dois dias, o que era apenas um modelo traçado com giz sobre a tábua foi ganhando cores e contornos mais nítidos... A beleza da rosa no centro do mandala foi se revelando pouco a pouco em cada partícula cuidadosamente colocada. A construção de mandalas de areia é normalmente associada a iniciações tântricas do Budismo Tibetano. Desta vez, porém, o trabalho artístico dos monges foi parte de um tipo bem diferente de iniciação.

Era um final de semana típico de verão em São Francisco: frio e com neblina. Hordas de adolescentes se dirigiram ao Golden Gate Park para assistir à apresentação de algumas das bandas mais populares da atualidade no Tibetan Freedom Concert. Em dois imensos palcos decorados com motivos tibetanos, grupos como Smashing Pumpkins, Rage Against the Machine, Red Hot Chili Peppers e Beastie Boys se revezaram com representantes da velha geração, como John Lee Hooker e Yoko Ono. Ao todo, 100.000 ingressos foram vendidos para os dois dias do concerto, realizado no último mês de junho e conclamado mais tarde pelos jornais americanos como o maior concerto beneficente desde o Live Aid em 1985. A renda, US\$ 800.000, foi entregue ao Milarepa Fund, organização de defesa dos direitos humanos no Tibete criada por Adam Yauch, líder dos Beastie Boys.

Foi numa viagem ao Nepal em 1991 que Adam tomou conhecimento da difícil situação vivida pelos tibetanos depois que os chineses invadiram e ocuparam seu país. Desde então, tornou-se um dos maiores defensores da causa tibetana nos Estados Unidos. No mais moderno estilo *hip-hop*, Adam protesta contra o sofrimento infligido aos tibetanos. No Tibetan Freedom Concert, ele foi o mestre de cerimônias deste mergulho religioso e político vivenciado por um público composto predominantemente de adolescentes que pouco ou nada sabiam sobre o Tibete. Depois desse final de semana, porém, a ignorância sobre o assunto já não era tão grande. Até o mais desinteressado adolescente – fã do Beavis e

Butt-Head – não pôde se manter indiferente à situação política no Tibete. Através de uma massiva divulgação de informação, o público presente ao concerto recebeu uma verdadeira iniciação à cultura tibetana e ao processo de destruição que esta vem sofrendo. Na verdade, a iniciação não se limitou ao público do Golden Gate Park. A cobertura *non-stop* da MTV levou as palavras de protesto dos monges e roqueiros a milhões de lares americanos.

O concerto começou com a bênção de monges tibetanos a todo o público e ao estádio. As vozes guturais dos monges ecoaram por todo o campo chegando ao extremo oposto onde uma enorme estupa (1) de lona e uma tenda-monastério foram montadas. A estupa foi erguida não para abrigar relíquias do Buda, seu habitual uso, mas para lembrar o desaparecimento de monumentos desse tipo em terras tibetanas, onde os chineses vêm destruindo sistematicamente monastérios e monumentos ligados ao Budismo. Em torno da estupa, bandeiras chamavam a atenção do público para a repressão religiosa e política que os tibetanos vêm sofrendo desde que Mao Tse Tung resolveu estender a Revolução Cultural, que acontecia então na China, ao Tibete. “Durante as invasões chinesas, 1,2 milhão de tibetanos morreram”, dizia uma delas. Outra anunciava que, dos 6.235 principais monastérios que existiam no Tibete antes de 1950, apenas 14 foram poupados pelas autoridades chinesas.

Não muito longe da estupa, duas tendas foram montadas com computadores. Lá, as pessoas podiam obter mais informações sobre a situação do Tibete via Internet. Vários *sites* foram construídos especialmente para o concerto. Se alguém preferisse uma conversa mais pessoal sobre os problemas tibetanos, podia ir até a tenda-monastério, onde um monge, sempre rodeado por um grupo de curiosos, falava sobre a situação no Tibete, enquanto distribuía panfletos. Nessa tenda, as conversas políticas eram permeadas de religiosidade. Monges e monjas rezavam num pequeno palco, cantando e recitando mantras ininterruptamente. Boa parte deles viajou até os Estados Unidos expressamente para participar do concerto. Um cheiro forte de incenso impregnava o ar (lá fora, a fumaça era de outra ordem...). Algumas pessoas meditavam ou faziam prostrações,

1 Monumento cuja forma representa o corpo, a palavra e a mente de Buda.

enquanto outras apenas espiavam curiosas a invasão religiosa. Num pequeno canto, monges trabalhavam no mandala de areia, símbolo do Universo. A construção artística deste universo de areia cuidadosamente levada a cabo pelos monges expressava, de uma certa maneira, a silenciosa revolução de hábitos perpetrada pelo contato com tibetanos.

Já há algumas décadas, milhares de tibetanos, escapando da repressão chinesa, atravessaram as montanhas dos Himalaias, para se refugiar primeiramente na Índia. Eles não tardariam, porém, a se espalhar pelos quatro cantos do mundo, levando na bagagem 1.300 anos de uma cultura celebrada por muitos como única em seu gênero.

Num fenômeno mais ou menos paralelo em vários países ocidentais, pessoas começaram a se reunir em torno das figuras de mestres tibetanos. Centros de Dharma foram criados, tornando-se importantes abrigos para um Budismo Tibetano ameaçado de extinção. Hoje em dia, estima-se em 200.000 o número de adeptos do Budismo Tibetano no Ocidente.

A figura extremamente *pop* do Dalai Lama – às voltas com Richard Gere e Adam Yauch – tornou-se familiar a uma grande parcela da população americana. Depois que recebeu o prêmio Nobel em 1989, sua atitude de não-violência em relação aos chineses ganhou ainda mais adeptos no Ocidente. Aos poucos, o que era apenas uma atração pela religião foi se transformando em uma militância pelos direitos humanos no Tibete.

A difusão do Budismo Tibetano em terras ocidentais deve ser entendida no contexto da globalização, que gradativamente vai reunindo o mundo num mesmo todo. O Ocidente, que levou seu modelo de cultura para o planeta inteiro, vive a contrapartida disso, com a invasão de outras culturas. Resultado da hipermodernidade, um sentimento religioso livre das amarras do positivismo cartesiano ressurgiu, gerando a possibilidade de sobrevivência do Budismo Tibetano, ainda que longe de sua terra de origem.

MORTE

“Em primeiro lugar, o elemento terra de nosso corpo se deteriora e o elemento água

parece ficar mais forte, enquanto nossa mente é permeada por alucinações de uma resplandecente miragem prateada e azul. Nós nos sentimos aprisionados e sufocados, como se o nosso corpo estivesse sendo enterrado na terra ou arrebatado por uma avalanche. Depois disso, o elemento água se dissolve no elemento fogo e a visão de uma fumaça em forma de redemoinho aparece. Enquanto isso está acontecendo, podemos experimentar a sensação de estarmos nos afogando ou sendo carregados por violentas correntes de água. Em seguida, o elemento fogo se dissolve e nosso corpo vai esfriando gradualmente; temos então uma visão de faíscas dançando sobre o fogo à noite. Durante esse processo algumas pessoas gritam, pensando que seu corpo está sendo consumido por chamas. Finalmente, o elemento vento, ou ar, se dissolve, nossa respiração se torna curta, e podemos sentir que estamos sendo carregados pelo vento como uma folha. A visão que acompanha esta experiência é a de uma chama se extinguindo em um quarto escuro. Como ocorre quando uma vela está prestes a se apagar, a chama fica mais brilhante subitamente, como se estivesse estourando numa explosão final de energia. Nossa respiração, que vinha ficando mais e mais difícil, cessa completamente. Para o mundo externo, nós agora parecemos estar mortos (este é usualmente o sinal para que as pessoas reunidas em torno de nós caiam em prantos).

Mas não estamos mortos ainda. Os quatro elementos grosseiros e as mentes conceituais associadas a eles pararam de funcionar, mas ainda restam os níveis mais sutis de consciência para serem absorvidos. Isso acontece quando a gota branca sutil recebida de nosso pai no momento da concepção, e localizada durante a nossa vida na coroa de nossa cabeça, e a gota vermelha recebida de nossa mãe, e localizada em nosso umbigo, se encaminham uma em direção à outra, encontrando-se no nível do nosso coração. Com a descida da gota branca nós temos uma visão do espaço vazio, este momento é permeado por branquitude. Enquanto a gota vermelha sobe nós percebemos uma visão similar de espaço vazio, dessa vez, porém, imbuída de vermelho. Finalmente, as duas gotas se encontram, formando uma esfera que engloba, em nosso coração, nossa cons-

ciência sutil e seus elementos associados com o vento. Nesse momento, experimentamos o negror de um quarto completamente escuro. Esse negror vai se tornando cada vez mais negro até que entramos num estado de completa inconsciência.

Mas ainda não estamos mortos. Dentro dessa esfera no centro de nosso coração está situada a nossa consciência sutilíssima e a energia de vento sutil a ela associada. Depois de um certo tempo – que pode ser tão longo quanto três dias mesmo para alguém despreparado – esta esfera abre e nossa mente é iluminada. Neste instante, a nossa mente sutilíssima desperta, vivenciando apenas a visão de um espaço vazio, claro e luminoso. Essa consciência iluminada é o último e mais sutil de todos os estados de consciência experimentados durante esta vida” (2).

O momento da morte é crucial para o praticante espiritualmente avançado dentro do Budismo Tibetano. O iogue pode usar a morte como a grande oportunidade para atingir a iluminação. Entretanto, para aqueles comprometidos com o voto do Bodhisattva (3), morte é o momento de retornar. Eles têm o ideal altruísta de ajudar todos os seres sencientes a atingir a iluminação, assim sempre voltam ao ciclo de renascimento e morte voluntariamente. Para eles, o momento da morte é a oportunidade de decidir o lugar e a hora de seu futuro renascimento. Os lagos e rios do Tibete contam para o mundo seu destino.

RENASCIMENTO

Vajrayana, Vajrayana... o sonho ainda tocava a realidade, e uma voz que parecia ser a da sua mãe sussurrava em seus ouvidos: *Vajrayana, Vajrayana, Vajrayana*. Michel abriu os olhos, ainda estava em seu quarto. Saltou da cama e foi contar o estranho sonho a sua mãe. A palavra parecia sânscrito. Procuraram seu significado. *O mais alto caminho tântrico*. Estranha mensagem. O inaudito, porém, se diluiu em meio ao turbilhão de acontecimentos dos últimos dias.

Desde que Lama Gangchen Rinpoche chegara a São Paulo, Bel e seu filho Michel entraram em contato com uma realidade dife-

rente. Retiros para meditar, mantras, palavras sábias proferidas por um Lama de uma geração autêntica. A figura do sábio impressiona, sua energia contagia. Michel, então com apenas seis anos, estava muito à vontade neste mergulho espiritual. Bel sentia que finalmente encontrara algo. Depois que o Lama fosse embora, ela só teria um desejo: mudar radicalmente a sua vida. Mãe e filho ingressavam em um novo caminho, que os transformaria para sempre.

HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DE MORTE

No Budismo, costuma-se dizer que só se trilha um caminho espiritual se esta vida for vivida em função da próxima, em preparação para outros caminhos espirituais. Sinais. Desde pequeno, Michel dizia coisas engraçadas que mais tarde adquiririam ares de revelações.

Michel tinha apenas três anos quando pela primeira vez se deparou com a morte de uma pessoa querida. Enquanto ele chorava sem parar, Bel lhe explicava carinhosamente que a morte é uma coisa natural, que todos morremos, que os animais, as plantas, enfim, que todos os seres vivos morrem um dia. Mas Michel parecia não se conformar e chorava. “Eu tô chorando, mãe, porque eu não sei onde ele está.” Bel resolve então levá-lo ao cemitério da Consolação.

Compenetrado, Michel observava cada buraquinho daquele mundo no qual nunca havia entrado. Ao longo do caminho, Bel mostrou os túmulos de seu pai e seu avô. Inesperadamente, Michel começou a fazer um discurso sobre a vida e a morte. E concluiu: “Isso quer dizer, mãe, que um dia nós vamos estar enterrados aqui, e o vovô Paulo e o seu avô vão estar andando pelas ruas que nem a gente”.

Filho de mãe de educação protestante e pai judeu, não foi certamente no seio familiar que Michel aprendeu seja lá o que for relacionado à reencarnação. Parecia que aquela noção era algo inato nele.

Um ano depois do episódio do cemitério, Bel começou a notar que Michel repetia sempre a frase: “Deus castiga!”. Bel tentou convencê-lo do contrário. “Não, Michel. Deus é bom.” Mas Michel estava convencido.

2 Lama Yeshe, *Introduction to Tantra: a Vision of Totality*, Boston-Londres-Sydney, Wisdom, 1987 (tradução minha).

3 Bodhisattva é alguém que se dedica a buscar a mais perfeita iluminação a qualquer custo, a fim de libertar todos os seres sencientes do sofrimento.

- Não, mãe, Deus castiga.
— Então, está bom. Mas como Deus castiga?
— É muito simples, mãe. Ele faz a gente morrer, ter de renascer e começar tudo de novo.

SONHOS REAIS

Pouco depois de conhecer Lama Gangchen Rinpoche, Bel teve um sonho. Ela se via entrando numa gruta de pedra talhada, na qual estava o Rinpoche. Olhava para frente e se deparava com uma vista maravilhosa. Luzes coloridas saíam de trás das montanhas. No sonho, Bel dizia para si mesma: “Eu não posso esquecer que um dia eu vi algo tão belo”.

Seis meses depois, folheando um exemplar da *National Geographic*, Bel descobriria que a gruta de seu sonho realmente existia. Vendo as fotografias das grutas Ajanta e Elora, Bel teve a certeza de que vivera uma verdadeira experiência. Até o dia em que abriu a revista, Bel nunca havia refletido antes sobre reencarnação. Pela primeira vez sentia do fundo de seu coração que a idéia de reencarnação tinha algum fundamento. Estava vivenciando algo exatamente de acordo com o preceito budista, que diz que não se deve acreditar em nada até que se tenha uma experiência.

A experiência maior, porém, só viria dois anos depois. Pela primeira vez, Bel e Michel iriam realizar uma grande viagem com o Rinpoche. Uma espécie de peregrinação por vários lugares sagrados na Índia. Michel já estava com oito anos e várias experiências já haviam mostrado que ele era possivelmente a reencarnação de um Lama, *o mais alto caminho tântrico...*

As grutas de Ajanta e Elora, alguns dos lugares mais sagrados na Índia, estavam incluídas no roteiro. A paisagem era realmente impressionante: um conjunto de grutas esculpidas a partir de uma técnica muito antiga de colocar pedaços de madeira úmidos na pedra. Uma vez seca, a madeira vai esculpindo a pedra. Assim estátuas e grutas incríveis foram construídas entre 700 a.C. e 200 a.C.

Dentro de uma das grutas de Ajanta, a gruta do Buda Maitreya, Rinpoche ensinou para o grupo um novo mantra. Sempre que vinha ao Brasil, Rinpoche entoava mantras em tibetano,

mas este novo mantra era em sânscrito. Todos tentaram repetir as palavras sagradas, embora com alguma dificuldade. Michel, entretanto, entoou o mantra com a facilidade de alguém que sempre soube. Sua mãe insistiu para que ele contasse o ocorrido ao Rinpoche. Mas, nervoso, Michel respondeu: “Se você falar, ele vai saber que eu sou a reencarnação de um Lama. E eu não quero virar monge, nem morar num monastério”. Bel tentou explicar que, no Budismo, ninguém obriga ninguém a nada e que cada um deve ser o que é, mas sem sucesso. A solução foi guardar o segredo.

A peregrinação prosseguiu, chegando ao alto do terraço. E aí veio a surpresa. Bel mal acreditava nos seus olhos quando viu aquela paisagem: a vista era exatamente igual à de seu sonho. As montanhas, as cores... Emocionada, Bel chorava e Michel tentava consolá-la. Bel lhe contou sua história, e ele disse com toda a simplicidade: “Se você reconhece este lugar, e eu sou a reencarnação de um Lama, isso quer dizer que nós já estamos juntos há muitas vidas”. Eles se abraçaram e choraram juntos. O Rinpoche chegou perto dos dois e disse: “*Very Good! Very good! Enjoy it. It’s just remembering past life*”.

OUTRAS VIDAS

No dia seguinte, foram visitar as grutas de Elora, as mais sagradas da Índia. Bel e Michel, já recuperados das emoções do dia anterior, simplesmente aproveitavam o passeio. Entraram em um quartinho todo feito de pedra, inclusive camas e travesseiros. Deitada em uma das camas, enquanto Michel deitava na outra, Bel brincou: “Olha, Michel. Este era o nosso quarto”. Michel não respondeu. Bel tornou a falar-lhe, sem obter resposta. Quando chegou mais perto viu que Michel balançava sem parar a sua cabeça, gritando que ela ia explodir. Bel foi chamar o Rinpoche, que, vendo seu estado de desespero, apressou-se logo em dizer: “*Calm down! He is just remembering his past life*”. Michel, a essas alturas, já estava desmaiado. Fazendo algumas preces e borri-fando água sobre o corpo do menino, Rinpoche conseguiu fazer com que ele relaxasse. Alguns minutos depois, Michel acordou, já calmo, e contou sua história.

“Primeiro estava tudo escuro. Eu achei que a minha cabeça fosse estourar. Depois eu vi uma luz que foi se transformando em uma gruta em forma de ferradura, que tinha vários buracos, nos quais havia estátuas de Budas, Boddhisattvas e Maha Siddhas (grandes iogues). Em cima tinha um mandala que refletia igual no chão. Na ponta da ferradura tinha uma luz muito forte que era Buda mesmo e ia com as luzes até as estátuas. Havia várias grutinhas e entre uma grutinha e outra havia pontes, e eu estava no meio de uma delas.”

Bel achava que esta era uma maneira de o inconsciente de Michel representar as coisas simbolicamente. Rinpoche, porém, foi categórico: não se tratava disso. Segundo ele, as coisas realmente eram assim. Bel não se convenceu; ainda achava que tudo aquilo era uma imagem simbólica. A solução desse impasse só viria alguns anos depois.

A REALIDADE DO SÍMBOLO

1994. Com apenas doze anos, Michel tomou uma importante decisão em sua vida: morar por um tempo indeterminado em um monastério no Nepal. A decisão foi acertada entre pai e filho. Bel, que estava viajando pela Índia na ocasião, recebeu assustada a notícia. Decidiu prolongar sua estada na Índia para poder ficar um pouco de tempo a mais com Michel.

Os dois decidiram então visitar mais uma vez as grutas de Ajanta e Elora. Depois de uma longa viagem de 20 horas de trem, chegaram às grutas míticas.

No interior de uma das grutas, alguns papéis esquematizavam sua construção. Recuando um pouco e conseguindo um outro ponto de vista, Bel se deu conta de que as grutas eram dispostas efetivamente em forma de ferradura. Foi então que ela teve uma visão do todo. No chão, passava um rio que refletia o céu, ou o “mandala”. Restos de muralhas indicavam que, um dia, ali houve pontes. Hoje tudo já estava seco, mas era possível imaginar como havia sido antes. Vendo tudo aquilo e a precisão da visão de Michel, Bel se conformou, compreendendo que a decisão tomada pelo filho realmente fora a mais acertada.

A DIAMOND PRODUCT

Um dia Rinpoche explicava para Bel e Michel como são feitos os testes para saber se uma pessoa é ou não a reencarnação de um Lama. Nos testes, sacerdotes recebem divindades que lêem o oráculo. Duas bolinhas de Tsampa (farinha) são colocadas dentro de uma tigela. Em uma delas não há nada, e na outra um pequeno papel é colocado, indicando que a pessoa realmente é a reencarnação do Lama.

A título de demonstração, Rinpoche rasgou dois pedacinhos de papel de um envelope. Colocou-os, então, dentro de uma tigela e começou a movimentá-la rapidamente (no teste oficial a tigela é movimentada lentamente). Um dos pedacinhos de papel caiu. O lama advertiu: “*It's just an example*”. Mas no pedaço de papel que caiu estava escrito a *diamond product*, revelando a alma cristalina de um Lama.

MAIS UMA VEZ, MORTE

Dordogne, 1987. Dudjom Rinpoche, um dos maiores mestres tibetanos contemporâneos preparava-se para morrer em seu centro de meditação no sul da França. Apesar da insistência de sua esposa e de discípulos para que ficasse um pouco mais neste mundo, Dudjom, então com 82 anos, foi irreduzível. “Já não tenho mais nada a fazer aqui”, teria dito. Num certo dia, Dudjom sentou para meditar, como fazia habitualmente, e morreu. As mãos do mestre caíram numa posição de mudra (4) e seu corpo permaneceu em estado de profunda meditação por vários dias. Durante esse período, seu corpo não se deteriorou e manteve-se quente.

De acordo com as leis francesas, não se pode guardar o corpo de uma pessoa morta por muitas horas, sem que as autoridades competentes sejam notificadas. Os discípulos foram então obrigados a chamar autoridades para atestar a morte de Dudjom e decidir o que seria feito do corpo. Foi permitido aos policiais verificar o estado de Dudjom, através do exame corporal (sem, obviamente, perturbar seu estado meditacional). Constatando a morte clínica do mestre e ao mesmo tempo as condições excepcionais em que se encontrava, nada

4 Gesto com as mãos que simboliza qualidades iluminadas.

mais restou aos policiais franceses senão dar carta branca à esposa e aos discípulos de Dudjom para que eles se encarregassem do corpo. O mestre tibetano permaneceu em estado de meditação ainda por mais alguns dias. Uma leve inclinação de sua cabeça indicou que finalmente a meditação estava encerrada. Seus discípulos então iniciaram um longo trabalho de embalsamamento do corpo. Durante dois anos o corpo foi seco com sal, para depois ser coberto com ouro. Hoje está num altar no seu templo em Bodhanath, Nepal.

Já há muito tempo, ouve-se falar dos incríveis feitos de iogues no Tibete e na Índia. Levitação, controle da temperatura corpórea, controle do metabolismo, etc. Poucas vezes, porém, ocidentais tiveram a oportunidade de testemunhar tais feitos. A morte de Dudjom Rinpoche na França é especial, nesse sentido, por ter sido assistida por seus discípulos ocidentais (isso sem falar nas autoridades francesas!). O estado de profunda meditação, atingido por Dudjom, coloca em xeque a nossa concepção do que é a morte. Melhor do que isso, as incríveis habilidades do mestre tibetano vêm nos lembrar do nosso quase completo desconhecimento do processo de morrer. Sua morte extraordinária é exemplo extremo do tipo de “tecnologia espiritual” (5), ou Tantra, que vem sendo pouco a pouco introduzido no Ocidente, através do contato com mestres tibetanos em diáspora.

TECNOLOGIAS DO ESPÍRITO

É extremamente difícil determinar a data exata em que surgiram os Tantras – alguns autores acreditam que tenha sido por volta do século quarto de nossa era. Da mesma maneira, não se tem certeza absoluta de que a Índia tenha sido seu lugar de origem. Às vezes o Budismo Tântrico é considerado a mais radical corrente do Mahayana, ou Grande Veículo – em oposição ao Hinayana, ou Pequeno Veículo. O fato é que o Budismo Tântrico é suficientemente diferenciado para ser considerado um veículo em si, Vajrayana, que significa o Veículo do Diamante (6).

Trazido da Índia, o Tantrismo se desenvolveu com força no Tibete, conferindo ao Budismo Tibetano características únicas. Os prati-

cantes do Tantra, ou adeptos espirituais, são tidos em alta consideração na sociedade tibetana, explica Robert Thurman, um dos maiores especialistas em Budismo Tibetano dos Estados Unidos.

“Na cultura ocidental, as últimas fronteiras da nossa conquista do universo estão no Espaço Sideral. Nossos astronautas são nossos derradeiros heróis. Tibetanos, no entanto, estão mais interessados em conquistar espiritualmente o seu universo interno. Assim os lamas tibetanos [...] cujas mentes podem se desprender do corpo físico e usar o corpo mágico para viajar por outros universos, estes ‘psiconautas’ são os derradeiros heróis para o povo tibetano” (7).

Enquanto os ocidentais desenvolveram uma avançadíssima tecnologia voltada para o mundo exterior, os orientais voltaram-se para si mesmos, a fim de explorar os limites do inconsciente humano. O resultado dessa orientação, no caso dos tibetanos adeptos do Tantrismo, é um profundo conhecimento da natureza da mente e do corpo expresso nas complexas técnicas de meditação e controle das atividades mentais e corpóreas.

A MORTE COMO CIÊNCIA

Entre os grandes legados do Tantrismo tibetano está o que poderia ser chamado de “ciência da morte”. Ao longo dos anos, os tibetanos exploraram a natureza da morte, desenvolvendo uma série de ensinamentos relativos a esta. Ao mesmo tempo, práticas conectadas com o processo de morrer também foram criadas. “A atitude tibetana em relação à morte e ao estágio intermediário entre morte e renascimento não é nem mística e muito menos misteriosa” (8). Inacreditáveis relatos de “viajantes iluminados”, que viveram o estágio intermediário conscientemente e preservaram a memória da experiência, são a base desta ciência da morte. “Os tibetanos aceitam os relatos dos ‘psiconautas’, da mesma maneira que nós aceitamos os relatos de astronautas que estiveram na lua” (9).

Talvez a mais importante obra desta ciência da morte, o clássico *Livro Tibetano dos Mortos* é considerado pelos tibetanos um guia

5 Robert Thurman, *The Tibetan Book of the Dead*, Nova York, Bantam Books, 1994.

6 John Strong, *The Experience of Buddhism*, Belmont (Califórnia), Wadsworth, 1995.

7 Thurman, op. cit. (tradução minha).

8 Idem.

9 Idem.

científico das realidades e experiências relacionadas com a morte. Mais do que isso, esse livro é um guia prático, que enumera detalhadamente cada passo que deve ser dado no estágio intermediário. De fato, a tradução mais precisa do título do livro em tibetano seria “liberação através do entendimento do estágio intermediário”. O estágio intermediário, ou *bardo*, em tibetano, é o período entre morte e renascimento. Compara-se este estágio com o ato de sonhar, enquanto o processo de morte é associado ao sono profundo, e o de renascimento ao estado desperto. Porém, apesar do uso mais comum da palavra *bardo* ter uma conexão direta com o processo de morte, sua definição mais ampla não se limita a este processo. *Bardo* quer dizer em última instância transição e isso deve ser entendido num sentido mais amplo, englobando não apenas a morte, mas também esta vida.

Os ensinamentos relacionados aos *bardos* demonstram de certa forma a inseparabilidade entre vida e morte, tendo em mente a perspectiva de iluminação. *The Tibetan Book of Living and Dying*, livro escrito recentemente (1993) por Sogyal Rinpoche, enfatiza essa conexão. Sogyal diz que seu livro é versão ampliada do *Livro Tibetano dos Mortos*. Em sua versão, ensinamentos relativos ao “viver” são adicionados e transmitidos através do conhecimento da natureza da morte. *The Tibetan Book of Living and Dying* se tornou rapidamente um dos livros relacionados ao Budismo Tibetano mais vendidos nos Estados Unidos e na Europa. Educado em Oxford, Sogyal Rinpoche se preocupa em divulgar o Budismo Tibetano para os ocidentais numa linguagem inteligível.

Ele acredita que a mais profunda razão do nosso medo da morte vem justamente da nossa falta de um maior conhecimento interior.

“Nós acreditamos numa identidade única, pessoal e separada; mas se nós nos dermos ao trabalho de examinar essa concepção com mais cuidado, nós descobriremos que essa identidade depende inteiramente de uma coleção sem fim de coisas para sustentá-la: nosso nome, nossa ‘biografia’, nossos pais, família, casa, emprego, amigos, cartões de crédito... É com o frágil e transitório apoio dessas coisas que nós contamos para nos

sentirmos seguros. Quando tudo isso é levado embora, teremos nós alguma idéia de quem realmente somos?” (10).

TANTRA NO OCIDENTE

O conjunto de práticas do Budismo Tântrico se fundamenta de certa maneira na busca de respostas a esta pergunta. A doutrina da inseparabilidade entre *samsara* (ciclo de renascimento e morte) e *nirvana* (iluminação) está na base do Budismo Tântrico e se manifesta nas práticas através da constatação de que nossa natureza mais profunda já é plenamente iluminada. Nas iniciações tântricas, este aspecto é ilustrado através da identificação do praticante com deidades, representações de seres plenamente iluminados.

No Ocidente, as iniciações tântricas constituem um dos tipos mais populares de práticas tântricas transmitidas aos seguidores do Budismo Tibetano. De fato receber iniciações de lamas tibetanos está mesmo se tornando algo comum em países europeus e nos Estados Unidos. A banalização do Tantrismo, em especial do Alto Tantrismo, tem sido fortemente criticada por pessoas como Robert Thurman. Para ele, muitos lamas vêm cometendo “abusos” ao transmitirem ensinamentos considerados secretos e perigosos para praticantes insuficientemente qualificados. “É verdade que o Tantra é supostamente o caminho mais rápido para se alcançar a iluminação. Mas se você segura atrás de um foguete esperando que ele te leve rápido até a lua, você vai acabar se queimando todo e morrendo”, alerta.

Thurman se refere sobretudo a práticas de Alto Tantrismo. Existem, porém, iniciações de vários níveis dentro do Budismo Tântrico. Certas iniciações não são muito secretas e sempre foram mais ou menos abertas ao público não qualificado mesmo no Tibete. Existem ainda várias maneiras de conferir uma iniciação. Desde que o Dalai Lama fugiu do Tibete se refugiando na Índia, ele conferiu várias vezes a iniciação de Kalachakra, uma das mais secretas e poderosas do Budismo Tibetano. Amigo pessoal do Dalai Lama há mais de 30 anos, Thurman explica que o líder religioso tibetano confere esta iniciação apenas como uma bênção, deixando de lado as práticas se-

10 Sogyal Rinpoche, *The Tibetan Book of Living and Dying*, Nova York, HarperCollins, 1993 (tradução minha).

cretas envolvidas neste rito. “O Dalai Lama costuma alertar os iniciados: ‘esta iniciação está sendo dada por um lama não qualificado para pessoas também não qualificadas’”. O professor americano conta ainda que quando o Dalai Lama conferiu esta iniciação pela primeira vez em situação de exílio, ele teve vários “sonhos auspiciosos”, indicando que ele podia continuar com essa prática. Normalmente conceder iniciações poderosas como a do Kalachakra a pessoas que não estão preparadas para recebê-las traz má sorte, de acordo com os tibetanos.

O fato é que, além de constituir uma boa oportunidade para receber a bênção do Dalai Lama, a iniciação de Kalachakra representa também um importante exercício mental sobre conceitos como morte, impermanência e vazio.

A ARTE DO VAZIO

A viagem rumo à realidade tântrica tem como ponto de partida o vazio. A compreensão de que todos os fenômenos vivenciados por nós nesta realidade convencional são vazios de existência inerente constitui a ponte que nos liga a outras realidades. Um ilimitado rol de possibilidades surge através desta compreensão, transformando o vazio na matéria-prima de novos mundos.

Logo na primeira iniciação do complexo Tantra de Kalachakra, o praticante é convidado a visualizar-se dissolvendo no vazio. Raios de luz saem da cabeça do lama que conduz a iniciação e é visualizado como a deidade Kalachakra em união sexual com sua consorte (Vishvamata). Capturado por um raio, o iniciado entra na boca do lama passando por seu corpo para se abrigar na trompa de Vishvamata. Lá ele se transforma em vazio, tornando-se então consciente de que todos os fenômenos são desprovidos de existência inerente. Tendo isso em mente, o iniciado é convidado a renascer como Kalachakra (11). O ciclo de morte e renascimento expresso nesta primeira iniciação será repetido várias vezes com outras deidades, ao longo do rito. Estas metamorfoses sucessivas constituem uma alegoria para o caráter vazio de todos os fenômenos, expressando assim a pluralidade de possibilidades de

representação de qualquer coisa, e a sua conseqüente falta de existência inerente (12).

Este jogo de representações abre as portas da mente, dando lugar à geração de novos mundos através de visualizações. Cenários divinos são construídos através de uma elaborada imagem mental de um mundo cuja percepção é informada por uma detalhada descrição feita pelo lama. Durante a cerimônia de iniciação, o lama, no caso o Dalai Lama, narra a viagem ao coração do mandala, descrevendo cada detalhe do ambiente e das deidades com quem o praticante se identifica, enquanto vai penetrando nesse universo divino. Dessa maneira, o lama cria uma realidade em que todos os corpos, sejam eles dos praticantes ou do próprio lama, tornam-se uma manifestação da deidade principal e de outras deidades.

Assim, o resultado futuro do processo de iluminação é tomado pelo iniciado como ponto de partida. Basicamente, toda iniciação tântrica tem como objetivo a transformação da nossa percepção ordinária em uma percepção purificada. Nesse sentido, o tempo é convertido em espaço, fazendo com que o rito iniciático se transforme numa simulação da experiência de iluminação.

O próprio significado da palavra Kalachakra expressa este movimento de transformação do tempo em espaço. Kalachakra é traduzido como “roda do tempo”. *Kala*, ou “tempo”, não se refere ao tempo linear e sim ao fluxo de todos os eventos, sejam eles passados, presentes ou futuros (13). A noção de tempo aqui é considerada similar ao conceito ocidental de espaço, “que não implica direção nem limitação particulares” (14). Robert Thurman acrescenta a esta interpretação o sentido estendido da palavra *chakra*, que também quer dizer máquina. De acordo com esta interpretação, Kalachakra quer dizer máquina do tempo, um caminho espiritual que transforma tempo em espaço para acelerar o processo de iluminação.

Nesse sentido, o rito de Kalachakra se aproxima da noção de mito, sendo este último um “instrumento obliterador de tempo” por excelência (15). Através da negação do tempo, o mito é capaz de trazer à tona certas partes de nós submersas de tal modo que não temos a vaga lembrança de sua existência. A proximidade

11 Tenzin Gyatso, *The Dalai Lama*; Jeffrey Hopkins, *Kalachakra Tantra: Rite of Initiation*, Boston, Wisdom Publications, 1991.

12 Dargyab Rinpoche, *Buddhist Symbols in Tibetan Culture*, Boston, Wisdom Publications, 1995.

13 Robert Thurman; Marilyn Rhee, *Wisdom and Compassion: the Sacred Art of Tibet*, Nova York, Abrams, 1991.

14 Idem.

15 Claude Lévi-Strauss, *The Raw and the Cooked*, Nova York, Octagon Books, 1979.

dade entre o rito iniciático de Kalachakra e a noção de mito encontra sua coerência na estrutura e na própria origem deste rito. Cada vez que o Dalai Lama coloca em cena o teatro divino de Kalachakra, ele faz referência ao reino mítico de Shambala. O mito conta que todos os anos o rei de Shambala confere a iniciação de Kalachakra a todo reino. Isso é feito numa praça aberta, à qual qualquer um tem acesso. Da mesma maneira, o Dalai Lama tem levado esta iniciação a vários países, permitindo que pessoas do mundo inteiro tenham acesso a este conhecimento milenar.

RECRIAÇÃO DE UM MITO

“Durante a iniciação, Buda Shakyamuni (16) se manifestou como a deidade Kalachakra em união sexual com sua consorte Vishvamata. O mandala de Kalachakra, representando sua residência juntamente com outras 720 deidades, foi projetado no cósmico Monte Meru (17). Algumas fontes dizem também que, ao mesmo tempo, Buda manifestou o mandala de Kalachakra no lugar em que se encontra hoje a grande estupa de Borobudur (18).

A história mítica nos conta que um ano depois de sua iluminação, Buda transmitiu a iniciação de Kalachakra para o rei Suchandra, soberano do reino mítico de Shambala. Suchandra havia pedido a Buda Shakyamuni que lhe mostrasse um caminho para o desenvolvimento espiritual que fosse adequado para alguém com importantes obrigações sociais. Suchandra queria um método capaz de transformar suas ações do dia-a-dia num caminho espiritual (19). De fato, Buda tinha tal método: o Tantrismo.

Depois de receber a transmissão da iniciação, Suchandra voltou para Shambala e escreveu uma versão ampliada do Tantra de Kalachakra. O rei de Shambala propagou então o ‘Budismo de Kalachakra’ como a religião de Estado (20). Como resultado de seus ensinamentos, o país inteiro e seus habitantes desapareceram do plano material, indo para uma realidade mais sutil. Sexto rei depois de Suchandra, Manjushrikirti iniciou tantas pessoas (aproximadamente 35 milhões, de acordo com o mito) no mandala de Kalachakra que ele e os seguintes reis ficaram conhecidos como

Kulika, ‘aquele que perpetua a linhagem’” (21).

Uma profecia originária do Tantra de Kalachakra prevê que três mil anos depois da iluminação de Buda Shakyamuni, o reino mítico de Shambala iria emergir por detrás de uma barreira invisível. Isso acontecerá daqui a trezentos anos, de acordo com a profecia. O mundo inteiro estará dominado então por uma única ditadura materialista (22). No nonagésimo ano do reinado do vigésimo-quinto Kulika, o reino conduzirá o exército de guerreiros iluminados de Shambala contra os bárbaros.”

MITO E HISTÓRIA

1959. Tropas chinesas invadem o Tibete, obtendo definitivamente o controle do país. Na primavera desse mesmo ano, milhares de tibetanos tentaram atravessar as fronteiras com a Índia e o Nepal. Entre eles estavam líderes políticos e espirituais, como o próprio Dalai Lama. A fim de efetivar a Revolução Cultural de Mao Tse Tung no Tibete, os chineses restringiram as práticas religiosas e destruíram a maioria dos monastérios. Desde que os chineses tomaram conta do país, as terras vêm sendo exauridas em função do assentamento em massa de chineses, e os tibetanos vêm sendo relegados a um papel de segundo plano dentro da economia do próprio país, vivendo em condições miseráveis.

Este cenário pós-guerra é muitas vezes interpretado por tibetanos como um sinal da proximidade de uma era de libertação, que chegaria para o mundo inteiro, não apenas para o Tibete, depois da batalha travada e ganha pelos guerreiros de Shambala (23). Esta interpretação pode ser encarada como a explicação de eventos históricos com o apoio de um mito. Os tibetanos estão de certa forma ampliando o mito de Shambala para “formular novas interpretações coletivas do processo histórico” (24). Assim, elementos históricos estão sendo acrescentados à narrativa mítica, reformulando esta narrativa e ao mesmo tempo conferindo sentido para o passado recente. Mas se formos além em nossa análise, chegaremos à conclusão de que o mito de Shambala é utilizado neste caso não apenas como um instrumento de

16 Buda histórico, que viveu na Índia há 2.500 anos.

17 Barry Bryant, *The Wheel of Thime Sand Mandala: Visual Scripture of Tibetan Buddhism*, Nova York, HarperCollins, 1992.

18 Lama Gangchen, *Autocura II*, São Paulo, Sherab, 1993.

19 Lama Yeshe, op. cit.

20 Tenzin Gyatso; Hopkins, op. cit.

21 Idem.

22 Robert Thurman, *Essential Tibetan Buddhism*, San Francisco, HarperSan Francisco, 1995.

23 Idem.

24 Jonathan D. Hill (ed.), *Rethinking History and Myth: Indigenous South American Perspectives on the Past*, Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1988.

interpretação. De fato, a memória mítica de Shambala vem desempenhando um papel importante na construção da presença cultural do Tibete no Ocidente. Assim, mito e história se encontram em dois movimentos distintos na atitude tibetana em relação à ocupação chinesa.

Para que este papel duplo do mito seja melhor entendido, seria interessante trazer à discussão a noção tibetana de história. De acordo com Robert Thurman, os tibetanos vivem num universo multidimensional (25). Assim, em relação à noção de processo histórico, os tibetanos possuem uma percepção ordinária (*thun mong pai snang ba*) e uma percepção extraordinária (*thun mong ma yin pai snang pa*) (26).

O reino de Shambala existe para os tibetanos num outro nível histórico, sendo porém invisível para a percepção ordinária. A noção de progressão histórica está claramente presente na narrativa mítica. De acordo com os textos sagrados, desde que o rei Suchandra recebeu a iniciação de Kalachakra diretamente de Buda, outros vinte e seis reis governaram o reino de Shambala. Atualmente, o reino está no vigésimo-primeiro rei *kalki*, cujo reinado perdurará no total por cem anos, como os reinados de seus predecessores.

Assim, mito e história (no sentido ocidental) apresentam um claro paralelismo no contexto tibetano. Mais do que isso, mito e história não representam duas categorias estanques dentro da percepção tibetana do universo. A coincidência destes dois modos de consciência, o mítico e o histórico, torna possível o encontro entre dois níveis de realidade. Como foi mencionado acima, este encontro deve acontecer em trezentos anos. Nesta ocasião, as forças militares ditatoriais que estarão dominando o mundo serão destruídas tentando conquistar o reino de Shambala.

BUDISMO OCIDENTAL

Onde o mito encontra história, os ensinamentos primordiais do Budismo estão sendo recriados numa nova realidade. Como os tibetanos interpretam a recente

destruição de seu país como um sinal da chegada da era da liberação, existe uma necessidade urgente de preparar as pessoas para a vinda dos guerreiros de Shambala. Entretanto, a situação de diáspora gerada pela ocupação chinesa colocou em perigo esta preparação. A destruição dos monastérios e a dispersão dos lamas tibetanos desorganizaram profundamente o Budismo Tibetano. Para os tibetanos, não restou nenhuma outra solução a não ser reorganizar sua religião numa nova maneira nos países vizinhos e no Ocidente.

Por outro lado, a “missão” de preparar as pessoas para a batalha de Shambala só é de uma certa maneira possível nesta situação de diáspora, uma vez que o momento da libertação final deve chegar para todos, não apenas para os tibetanos. Assim sendo, a presente situação histórica reforça a continuidade do mito. No contexto de exílio, os lamas tibetanos vêm transmitindo seus ensinamentos para ocidentais como uma maneira de preservar o Budismo Tibetano. Alguns desses lamas acrescentam a esta necessidade de preservação do Budismo Tibetano a finalidade de preparar as pessoas para a vinda do momento da libertação final.

Este é o caso de Lama Gangchen Rinpoche, responsável pelo Centro de Dharma Chi De Shoe Tsog em São Paulo, além de outros centros na Europa e na Ásia. Lama Gangchen instiga os ocidentais a se prepararem para a batalha final de Shambala, “conectando seus corações com a energia de Shambala” (27). Ele se autodenomina um “Lama Marco Polo”. “Guiados pela compaixão, os Lamas Marco Polo –os Lamas tibetanos– estão criando o Budismo Ocidental” (28). Desde que chegou ao Ocidente, ele vem organizando seus ensinamentos com base na preparação para a batalha de Shambala. Para ele, essa batalha representará a luta entre forças negativas e positivas nos níveis externo, interno e secreto. “A batalha de Shambala é uma batalha espiritual e, por isso, não haverá matança ou derramamento de sangue.” Lama Gangchen pensa que apenas Kalachakra poderá nos ajudar a curar as nossas condições negativas nesses três níveis.

25 Thurman, *Essential Tibetan Buddhism*, op. cit.

26 Idem.

27 Lama Gangchen, op. cit.

28 Idem.

RENASCER BUDISTA

A iniciação de Kalachakra, como já vimos, vem desempenhando um papel central na difusão do Budismo no Ocidente. Até a ocupação chinesa, a tradição de Shambala, por exemplo, era restrita a monges iniciados e lamas com um certo conhecimento das práticas tântricas. Desde então, a tradição de Shambala e a iniciação de Kalachakra tornaram-se um evento de massa. Na Índia, o Dalai Lama conferiu essa iniciação para mais de 500.000 pessoas nos últimos quinze anos. Também no Ocidente, embora em menor escala, milhares de pessoas receberam do Dalai Lama essa mesma iniciação. O ciclo de morte e renascimento como uma deidade, encenado durante a iniciação de Kalachakra e mencionado acima, é uma metáfora para a transformação sofrida pelo praticante durante a cerimônia.

Paul Harrison nos conta como esse tipo de transformação é capaz de criar uma identidade comunitária entre os praticantes de *buddhanusmrti* – palavra sânscrita usualmente traduzida como “lembrança” ou “comemoração do Buda”, “chamando o Buda à mente”, e “meditação sobre o Buda” (29). De acordo com Harrison, no ato de comemoração do texto memorizado, os praticantes de *buddhanusmrti* estabelecem uma identidade que os conecta com outros membros da fé budista (30). Nesse sentido, esforços do Dalai Lama para disseminar a iniciação de Kalachakra no Ocidente têm, de certa maneira, como consequência a criação de uma identidade budista entre os iniciados. O que está em questão neste evento de massa é a criação de uma memória coletiva relacionada com o Budismo Tibetano nos países ocidentais. Nós poderíamos pensar esta questão em termos da sobrevivência da cultura tibetana fora do Tibete, uma vez que toda memória coletiva requer o apoio de um grupo delimitado no espaço e no tempo (31). Porém, que tipo de memória coletiva está sendo criada através da iniciação de Kalachakra?

Da mesma maneira que a consciência mítica de Shambala se tornou a base para a

explicação e o entendimento da ocupação chinesa no Tibete, esta mesma consciência a está sendo requerida para a criação de uma memória coletiva do Budismo Tibetano no Ocidente.

O mito, como um elemento de memória coletiva é a parte que dá coerência e sentido à totalidade da prática budista. A narrativa mítica do reino de Shambala está inscrita no tantra de Kalachakra. Cada vez que o Dalai Lama encena a iniciação de Kalachakra, ele está representando e reproduzindo o momento mítico em que o próprio Buda transmitiu os ensinamentos relacionados a esse tantra ao rei Suchandra. Uma dimensão mitológica é conferida ao ritual pela associação de objetos, lugares e pessoas com imagens e símbolos sagrados. O Dalai Lama concretiza essa arte de citação, informando a percepção do praticante através de uma descrição detalhada e significativa de cada passo do processo iniciático.

Sempre associado à iniciação de Kalachakra, o mandala de areia “Roda do Tempo” talvez seja a melhor expressão dessa arte de citação. Nesse sentido, uma aproximação poderia ser feita com um holograma. Cada forma, cada objeto, cada atributo, cada gesto da deidade principal de iniciação, assim como sua postura e cor, não somente têm o seu significado particular, como também estão relacionados com todas as outras partes do mandala (32). A partir de cada uma dessas partes é possível reconstruir, reconhecer e interpretar o todo. Da mesma maneira, a qualidade mítica do mandala de Kalachakra é capaz de reunir as histórias individuais e isoladas da cultura tibetana em diáspora. Assim, o mito confere um sentido de totalidade àquilo que a história transformou em um quadro fragmentário. Nos grãos de areia da criação artística do mandala, o sentido temporal do mito de Shambala é transformado em espaço, fornecendo um sustentáculo à memória tibetana. Através de uma linguagem metafórica, cada partícula de areia do mandala representa fragmentos de uma cultura que pouco a pouco se insere no Ocidente, transformando o mundo a partir de seu cerne.

29 Paul Harrison, “Commemoration and Identification in *Buddhanusmrti*”, in Janet Gyatso (ed.), *In the Mirror of Memory: Reflection on Mindfulness and Remembrance in Indian and Tibetan Buddhism*, Albany, State University of New York Press, 1992.

30 Idem.

31 Maurice Halbwachs, *On Collective Memory*, Chicago e Londres, University of Chicago Press, 1992.

32 Dargyab Rinpoche, op. cit.